

## “A pretinha e o pretinho”, uma possível análise a partir da perspectiva do estereótipo de gênero e raça

*“A pretinha e o pretinho”, a possible analysis from the perspective of gender and race stereotyping*

Submetido em: 25/08/2024

Aceito em: 03/12/2024

Larissa Ferreira da Silva<sup>1</sup>  
Maria Alice Sabaini de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo, de cunho descritivo, tem como objetivo analisar o conto “A pretinha e o pretinho” (2013), de Taís Espírito Santo, a partir do estereótipo de gênero e raça, com o intuito de apresentar uma possível análise com base na escrita da autora com o intuito de denunciar a cultura do estereótipo como propulsora de violência. Para este fim, os objetivos específicos são: identificar no conto analisado características em que se percebem o estereótipo do negro dentro da sociedade, além de também verificar como esses aspectos são apresentados e explicar sobre o momento em que o mesmo se torna uma violência. Com base nestes objetivos, a questão investigativa deste artigo é: há indícios que a personagem do conto sofre algum tipo de violência contra seu corpo devido à construção do estereótipo sobretudo de raça na sociedade? De certo modo, esse conto nos mostra que essas características, submetem as mulheres negras a passarem pela violência sem perceberem. Para tanto, o aporte teórico norteador deste artigo se fundamenta em teóricos como Luis Antonio Monteiro Campos (2015), Debora Jean L. Silva (2021), Pierre Bourdieu (1989) e Michel Foucault (2004), entre outros.

**Palavras-chave:** Literatura de autoria feminina; Escritoras negras; Estereótipo; Violência; Conto.

**Abstract:** The aim of this bibliographical article is to analyze the short story “A pretinha e o pretinho” (2013) by Taís Espírito Santo from the point of view of gender and racial stereotyping, in order to present a possible analysis based on the author writing as a way of denouncing the culture of stereotyping as driver of violence. To this end, the specific objectives are: to identify, in the short story analyzed, characteristics in which the stereotype of black people is perceived in society, to determine how these aspects are presented and to comment on when they become a form of violence. Based on these objectives, the research question of this article is: is there any evidence that the character in the short story suffered some kind of violence against her body because of the stereotype that is constructed in society? In a certain way, in the short story show us that these characteristics submit black women to violence without them realizing it. For this purpose, the guiding theoretical support of this article is based on theorists such as Luis Antonio Monteiro Campos (2015) and, Debora Jean L. Silva (2021), Pierre Bourdieu (1989) and Michel Foucault (2004), among others.

**Keywords:** Women literature; black women writer; Stereotype; Violence; Short Story

### Introdução

O presente artigo tem como objetivo geral analisar o conto: “A pretinha e o pretinho” (2013), de Taís Espírito Santo, a partir da perspectiva do estereótipo tanto de

<sup>1</sup> Graduação em Letras – Inglês pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: larissafferiradasilva59@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1859487386041165>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0493-3029>.

<sup>2</sup> Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: marialiceprbr@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4584023297377032>. Orcid: 0000-0002-9582-279X.

gênero, quanto de raça como temática norteadora da abordagem em relação à violência contra a mulher. Neste sentido, os objetivos específicos são: identificar nos contos características percebidas como o estereótipo negro dentro da sociedade, além de também verificar como esse estereótipo é apresentado no conto e explicar sobre o momento em que o estereótipo se torna uma violência. O trabalho irá apresentar uma possível análise a partir do estereótipo como uma forma de denunciar essas características injustas que podem gerar violência tanto física, quanto psicológica. Vale ressaltar que o conto que compõe o *corpus* deste artigo é pouco estudado em relação ao estereótipo, pois as análises realizadas sobre o conto “A pretinha e o pretinho” (2013) de Tais Espírito Santo, em outros trabalhos acadêmicos, trazem uma perspectiva voltada para a autoaceitação. Por isso, este trabalho será de grande relevância ao propor uma análise distinta das temáticas já existentes.

A partir do estereótipo, é possível notar que, de certo modo, este aspecto contribuiu com a violência que as duas personagens dos contos sofreram, para explicar sucintamente: no conto, “A pretinha e o pretinho”, enfrenta problemas relacionados a sua raça devido à construção histórica que essas estereotípias marcam a pele negra. Com base nesse breve resumo, a questão norteadora deste artigo é a seguinte: *há indícios que a personagem do conto sofreu algum tipo de violência contra seus corpos devido à construção do estereótipo sobretudo de raça na sociedade?*

A este questionamento, apresenta-se como possível resposta que, tais características configuram a visão dessa mulher negra perante a sociedade brasileira, ou seja, por conta dos julgamentos que trazem um estereótipo carregado, pode-se observar que devido às críticas que trazem aspectos, podemos notar que a personagem passa por uma angústia e até uma exclusão social devido à pele negra sempre ser vista como a cor inferior. “Acreditava-se também que os negros seriam a raça com maior aproximação do ancestral humano cuja aparência era similar ao chimpanzé” (Costa, 2018, *apud* Freyre, 2006, p.386). Como explana a citação, o negro estava associado aos animais ditos como irracionais, sendo considerados inferiores aos humanos. A maneira como a sociedade constrói essa visão sobre a pele negra feminina obriga as protagonistas e a mulher passarem por algum tipo de violência.

Este artigo se estrutura da seguinte forma: O primeiro tópico será abordado brevemente sobre a literatura de autoria negra feminina, utilizando como base o artigo das acadêmicas Débora Cristina Esser titulado como “Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória”, Debora Jean L. Silva com o artigo

“Mulheres Na Literatura: Escritas de autoria feminina negra” e Janaina Rodrigues Pitas com o trabalho acadêmico “A literatura afro-brasileira de autoria feminina como fonte histórica”. No segundo ponto, utilizamos a teoria do estudioso Luis Antonio Monteiro Campos que traz um pouco sobre o significado de estereótipo e o seu processo de surgimento numa sociedade, no mesmo tópico é abordado sobre tais características perante a mulher negra a partir dos artigos de Camilla Gabrielle G. Vieira e Djamila Ribeiro. No próximo tópico trabalhamos com a teoria de violência simbólica de Pierre Bourdieu e a teoria da violência de Michel Foucault para dar fundamento à pesquisa e, por fim, apresentamos no último tópico, como essas teorias e pesquisas se conectam com o conto.

### **Literatura de autoria negra feminina como forma de denúncia**

Durante um longo período, as mulheres foram silenciadas de várias formas. A escrita era um campo dominado por homens, por essa razão as mulheres apareciam apenas como personagens de histórias e contos. A imagem feminina que construíram era como a donzela e donas de casa dominadas pela figura masculina. O trabalho da acadêmica Débora Cristina Esser (2014) aborda as questões da mulher perante a literatura e a sua representação cultural.

Um dos pontos mais discutidos na representação cultural da mulher recai justamente no fato que a relegou durante anos à submissão, a escrita literária e documental. Vários poderiam ser os exemplos de escritores que representaram em suas obras a mulher apenas como um objeto manipulado pelo poder masculino. Até mesmo em documentos oficiais, a mulher nunca apareceu como propulsora de uma ação que merecesse reconhecimento na história da humanidade. (Esser, 2014, p.9)

Conforme a citação, por muito tempo, as mulheres foram submetidas a papéis de submissa, tanto na literatura quanto na documentação histórica. Com isso, muitos autores representavam as mulheres como objetos controlados pelo homem. A partir disso, é possível perceber que nas narrativas as mulheres tinham a sua imagem distorcida. Essa falta de reconhecimento referente às mulheres, de certa forma, contribuiu para que estereótipos em relação a seu papel perante a sociedade. No entanto, a mulher negra se enquadra em uma posição ainda mais inferior. A preta era apresentada na literatura como a mulata ferosa ou a negra feita para o trabalho, sendo vista apenas de duas formas: a sexual e a braçal. O trabalho de mestrado de Debora

Jean Lopes Silva (2021) nos mostra como essa mulher negra tem a sua pele marcada pelo estereótipo.

Os temas explorados são sempre ligados ao corpo da mulher, como sedução, beleza, resistência física; e quando se trata do corpo feminino negro essa literatura é ainda mais violenta, numa escrita onde ela não figura como musa, heroína romântica, donzela casadoura, como acontece com a mulher branca, mas sim vinculada ao passado escravo, onde corpo da mulher negra é apresentado como objeto de trabalho, procriação e prazer (Silva, 2021, p. 70-71).

É possível notar que as mulheres negras eram dificilmente escritas como heroínas nas obras canônicas, nas vezes em que apareciam nas histórias a imagem da mulher preta era associada a uma posição inferior, tanto no emprego quanto na posição social. Analisando de forma mais profunda, observamos que há uma tentativa de impor uma função para essas mulheres de cor na literatura, a partir do momento em que o autor restringe a mulher negra a um papel de serviçal ou fornecedora de prazer, o estereótipo de que a preta tem um lugar já estabelecido na sociedade vai sendo alimentado cada vez mais. Segundo o artigo “A Literatura Afro-brasileira de autoria feminina como fonte histórica” da doutoranda Janaina Rodrigues Pitas (2022), a imersão do negro no mundo literário levou um tempo considerado longo, pois, o contato dessas pessoas com a educação não foi algo rápido. Enquanto pessoas brancas, inclusive as mulheres, já conseguiam ingressar no ambiente educacional, os negros lutavam para obter os mesmos direitos ao aprendizado.

O censo de 1940 e 1950 apresentava a exclusão das mulheres negras do sistema educacional. Nos idos de 1980, cerca de 80% das mulheres negras tinham até 04 anos de estudo, enquanto para as mulheres brancas trazia 67%. A partir da expansão do sistema de ensino no Brasil e o uso de novas tecnologias ocorreram algumas mudanças nos nossos indicadores educacionais. Em 1999, a população negra apresentava o maior número de analfabetos e as mulheres alfabetizadas passaram os homens negros (Pitas, 2022, p. 09).

O trecho acima mostra que a falta de acesso à educação impedia as pessoas negras a participarem do mundo literário, certamente não foi o único fator que dava força para que a exclusão das pessoas pretas ocorresse, mas de certa forma contribuiu com o afastamento do negro, principalmente das mulheres, em relação à escrita. Após muita luta, as mulheres ganham um pequeno espaço na literatura e em outros ambientes onde apenas homens ocupavam, no entanto, esse feito não foi a realidade

da mulher negra. Durante esse processo da mulher branca conquistar um lugar na sociedade, a mulher preta enfrenta as injustiças sociais.

[...] as mulheres vêm alcançando posições significativas no mundo do trabalho em diferentes profissões, elevaram seu grau de instrução, conquistaram o direito ao voto e cargos políticos, obtiveram avanços no campo da sexualidade e asseguraram direitos reprodutivos. No entanto, esta trajetória não ocorreu da mesma forma para todas as mulheres, alguns grupos vivenciam estas mudanças de formas e tempos diferentes. Muitas mulheres ainda vivenciam situações desiguais enquanto outras já alcançaram grandes avanços, isso se remete ao fato de que, historicamente, para algumas delas, de algum modo, houve algum tipo de privilégio e para outras restou somente a exclusão (Pitas, 2022, p. 07).

No decorrer dessas conquistas que a mulher branca alcançou, a citação mostra que a mulher preta lutava para que ao menos tivesse o direito de existir na sociedade que exclui e discrimina a cor retinta, pois, perante muitas situações, certos privilégios faziam com que a mulher negra fosse abandonada diante as conquistas femininas. Foi então que com muito esforço surgiu uma pequena mobilização para que clubes de escritas e até mesmo pequenos jornais começassem a ganhar força para dar um lugar para o negro contar a sua história.

A mobilização foi a resposta da população negra nas primeiras décadas do século XX, por meio de clubes, organizações, além da veiculação de jornais publicados por pessoas negras com abordagem para as questões de interesse delas. Um bom exemplo disso foi A Frente Negra Brasileira (1931), que se tornou partido político; O jornal A Voz da Raça; o Teatro Experimental Negro (1950); e o Movimento Negro Unificado (1978). A ativista Lélia Gonzales e a historiadora Beatriz Nascimento, militantes do MNU, tiveram grande importância neste processo de “enegrecimento do feminismo” no Brasil (PITAS, 2022, p. 10).

E foi com muita luta que a mulher negra ganhou um espaço na escrita e esse feito se torna uma forma de desconstruir todas as ideias impostas sobre a pele negra feminina. A partir desse ponto, autoras conhecidas como Maria Firmino dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Lélia González e entres outras trouxeram suas vivências para dentro de suas obras como forma de protesto e para contar a história desse povo sofrido.

[...] as mulheres negras que através de sua escrita, carrega e propaga, as dores as alegrias, os gritos e sussurros, as frustrações e os sonhos, de uma multidão de pessoas, de vozes que são insistentemente silenciadas, numa escrita que nasce do cotidiano, de suas vivências

próprias, mas também das vivências de homens e mulheres de seu povo, e traz consigo toda uma ancestralidade (Silva, 2021, p. 15).

Conforme mencionado na citação, as escritoras pretas encontraram um espaço onde poderiam expor as barbaridades que essas mulheres vinham passando e como forma de denunciar, usavam suas próprias vivências para dar vida aos seus textos. Antes de tudo, é importante esclarecer qual é essa escrita de denúncia usada por muitas escritoras. O termo foi utilizado pela primeira vez pela pesquisadora Conceição Evaristo em sua dissertação de mestrado no ano de 1995, conhecido atualmente com *Escrevivência*, nada mais é do que o ato de escrever as suas vivências pessoais como forma de protesto. Essa forma de escrita já era utilizada por outras autoras antes do surgimento de Evaristo, no entanto, a nomenclatura só apareceu anos depois. Em uma entrevista para o canal TV PUC-Rio, Evaristo nos apresenta um pouco sobre o que seria esse conceito.

[...], na verdade, a *escrevivência* a gente pode pensar que tudo o que eu escrevo, tanto os meus textos ensaísticos que eu crio, a minha literatura e o meu texto literário, ela é marcada pela minha condição de mulher negra. Essa minha condição de mulher negra na sociedade brasileira e em uma das classes populares ela vai interferir no que eu quero narrar, como eu quero construir essas personagens, o que eu quero levar para o texto é uma escolha que está muito relacionada com a minha vida, com a minha experiência pessoal. Isso não significa que tudo o que eu escreva eu vivi[...]" reprodução do trecho do vídeo do YouTube" (TV PUC-Rio, 2017).

A partir da fala da autora durante a entrevista para o canal do YouTube da universidade do Rio de Janeiro, conceituamos a *escrevivência* como algo relacionado ao aspecto pessoal daquele determinado escritor, em outras palavras, a sua vivência sobre determinada situação, vai ser totalmente individual. E como Evaristo menciona, nem tudo o que é narrado em certas histórias ela já vivenciou. É muito importante compreender que o conceito de *escrevivência* não é algo que deva ser pensado de maneira limitada, ou seja, que possui um significado único. Com o avanço dessa escrita sobre lutas diárias, os escritores negros passam a trazer mais visibilidade para assuntos importantes como o sofrimento do povo preto. Esse estilo de escrita passa a ser muito relevante para as autoras negras, principalmente com a chegada da literatura contemporânea, possibilitando que a mulher conquiste um lugar na escrita. É notável que todo esse processo foi algo que aconteceu de maneira lenta e enfrentou algumas dificuldades. No entanto, muitas autoras conseguiram se inserir no mundo literário que

era dominado por homens. Devido a essa pequena vitória, autoras negras também conseguiram alcançar um lugar onde poderiam compartilhar suas histórias através das suas próprias palavras.

Como já mencionado, a escrita feminina passou por muitas mudanças devido às limitações que as autoras encontraram ao longo do caminho. À medida que essas mulheres iam ganhando espaço na literatura, as temáticas que eram abordadas em seus textos também sofreram alterações. No início, a escrita dessas autoras trazia uma visão voltada para o ambiente em que elas tinham acesso, ou seja, o espaço doméstico. Mulheres da literatura, durante esse período, abordavam temáticas sobre a família considerada tradicional, devido às restrições que recebiam.

Desde o final do século XVIII as mulheres podiam escrever desde que os seus escritos não ferissem a moral e os bons costumes. Escrever, por exemplo, receitas ou registrar como manter a casa em ordem era, dentro do código patriarcal, referendar os valores da cultura patriarcal (Tedeschi, 2016, p. 06).

Segundo a passagem anterior, podemos notar que a mulher tinha a “liberdade” para escrever desde que seguisse determinadas regras, ou seja, a sua escrita estava sendo constantemente limitada e restrita a determinados assuntos. É evidente que para escritoras brancas as abordagens sobre o tema “lar”, eram apresentadas de maneira diferente comparado a visão de uma mulher negra, como, por exemplo: a mulher branca partilhava sua vivência dentro de casa, cuidando de seus filhos, do marido e o quão limitado era o seu papel dentro desse ambiente. Já a mulher negra, abordava sobre a exploração e possíveis abusos dentro do trabalho doméstico. Dois grandes nomes da literatura negra que podem representar essa diferença na época são Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, que através das palavras, traziam uma visão que vai além do cuidar da casa e da família. As temáticas abordadas por essas grandes mulheres estavam voltadas para as denúncias contra a desigualdade social/racial.

A partir do percurso traçado neste tópico, notamos que toda a trajetória da literatura feminina, principalmente a negra, surgiram estereótipos que marcam até os dias atuais a escrita dessas mulheres. Nossos estudos nos permitem enfatizar que, tanto as autoras quanto as suas obras passaram por um processo violento até conquistar um espaço na escrita, a começar pela violência que seus corpos eram submetidos durante a escrita masculina, personagens que não assumiram um protagonismo na literatura, hoje contam suas próprias histórias. Outro momento violento

que as autoras passaram foi a impossibilidade de participar da escrita porque o campo literário era dominado por homens. O atraso na imersão à educação também pode ser considerado uma violência, devido ao fato das mulheres negras precisam implorar por seus direitos, seria mais uma forma de censurar sua entrada na sociedade.

### **O estereótipo pode gerar violência?**

Como foi possível perceber anteriormente ao longo do artigo, a caminhada das autoras é uma das mais complicadas. Principalmente para as escritoras negras que, por vezes, ainda sofrem preconceitos referentes, sobretudo, a visão preconceituosa ligada a sua raça e ao seu gênero. Antes de tudo, é importante entender o que é estereótipo. Segundo Sousa e Barros (2012), os estereótipos são representações sociais providas das interações sociais numa sociedade, carregando crenças comuns.

Os estereótipos enquanto formas de representação social são produtos de interação social e possuem irracionalidade, vulnerabilidade mesmo estando diante de informações corretas. Por serem rígidos, os estereótipos são entendidos como falsa percepção da realidade, porém, necessariamente eles não são somente falsa compreensão da realidade. Pelo visto, eles adquirem um alto grau de estabilidade e alto nível de convencionalidade, o que os torna de difícil alteração, mesmo quando os sujeitos dispõem de informações capazes de invalidar a estereotipia de determinado objeto representado (Sousa e Barros, 2012, p.8)

Segundo o trecho acima, essas características são fenômenos que estão enraizados na interação social. A resistência a mudança é atribuída à rigidez e conformidade com as normas sociais. Em grande medida, isso resulta na distorção de informações sobre determinado grupo ou indivíduo. Outro teórico a abordar sobre o estereótipo foi Walter Lippmann em seu livro *Opinião Pública* (1922), no qual buscou apresentar uma possível definição e como essas características se apresentam perante a interação social.

Um padrão de estereótipos não é neutro. Não é meramente um jeito de substituir ordem por uma exuberante, ruidosa confusão de realidade. [...]. Os estereótipos estão, portanto, altamente carregados com os nossos sentimentos que estão presos a eles. São as fortalezas de nossa tradição, e atrás de nossas defesas podemos continuar a sentir-nos seguros na posição que ocupamos (Lippmann, 1922, p. 97).

Conforme a citação, os estereótipos são construções sociais que refletem a relação de poder. Essas características são carregadas de significados culturais e

emocionais. De certa forma, molda as atitudes da sociedade em relação a determinados grupos, gerando uma barreira protetora para seus valores. Walter Lippmann foi um dos primeiros estudiosos a buscar uma definição de estereótipos, no entanto, não foi o único a tentar entender tais questões. O professor Luis Antônio Monteiro Campos, em seu artigo “Estereótipo e socialização” (2015), procurou explicar como ocorre o surgimento desse estereótipo, desde o momento em que o indivíduo nasce e continua durante o início da socialização dentro da sociedade.

Estamos destinados a entrar em contato com determinados estereótipos a partir do nascimento, sendo a infância o momento de maior aceitação de crenças e estereótipos. Porém, os estereótipos não nos são oferecidos e aceitos sem grandes dúvidas; as dúvidas começam a ocorrer na pré-adolescência e na adolescência, épocas de maior questionamento em relação a crenças e valores em geral, inclusive estereótipos (Campos, 2015, p. 02).

Como menciona na citação, para o professor Campos (2015), esse processo se dá de forma gradual e por ambas as partes, ou seja, acontece tanto por parte de quem influencia quanto quem é influenciado, ocorrendo influência do meio social. Traçando um paralelo com o conceito que Lippmann (1922) aborda, nota-se que ambos os teóricos defendem que tais características carregam um pouco da cultura de cada indivíduo. É necessário entender que há uma variedade de estereótipos, como o de gênero e religioso, e em diferentes ambientes, por exemplo, dentro de escola ou até na família. No mesmo artigo, o professor Campos (2015) explica que essa socialização contribui com a construção do estereótipo ao relatar que, “Da mesma forma que a socialização contribui na formação de estereótipos, ela também os pode eliminar ou modificar” (Campos, 2015).

Traçando um paralelo com o conto analisado, conseguimos notar que a família da protagonista tinha esse pequeno poder de desfazer essas características problemáticas que sempre estavam presentes. No entanto, é reforçado com mais intensidade todos os preconceitos. E isso fortalece a teoria, na qual ambos os lados dão força para que o estereótipo seja construído. Esse domínio se torna maior, pois, as influências ocorreram a partir do meio familiar e segundo Campos (2015) “A orientação social dos pais - suas crenças e estereótipos sobre os outros - influenciam suas interações com os filhos” (Campos, 2015, p.02), em outras palavras, alguns desses preconceitos são passados de geração a geração e, fazem com que em alguns momentos, essa interação esteja marcada de características estereotipadas.

Para reduzir a vasta quantidade de estereótipos que existem, este artigo irá se limitar em apenas três pontos devido à relevância para a proposta de análise literária, como: relacionado a raça, ao gênero e a solidão da mulher negra. Neste início de discussão, enfatizamos que desde as grandes navegações, os negros em geral foram obrigados a carregar o peso do estereótipo, pois, os colonizadores acreditavam que as pessoas retintas não possuíam humanidade. Juntamente com esse pensamento foram surgindo falsas informações sobre a pele negra, como o fato de o preto ser inferior ao branco.

Acreditava-se também que os negros seriam a raça com maior aproximação do ancestral humano cuja aparência era similar ao chimpanzé, devido ao formato do nariz ser mais alargado e a suposta habilidade mental reduzida (Costa, 2018, p.17 *apud* Freyre, 2006, p.386).

Com base nessa citação, notamos que usavam até mesmo a característica física dos negros como forma de tentar justificar o racismo. É inegável que a partir dessas discriminações, homens e mulheres negras ainda sofrem nos dias atuais. O primeiro estereótipo a ser trabalhado neste trabalho está ligado à solidão da mulher preta, que pode ser algo que passa despercebido para algumas pessoas, porém para as mulheres de cor é recorrente no seu cotidiano. Essa solidão nada mais é do que a ideia de que mulheres de pele retinta não são feitas para gerar uma família, devido esse pensamento, as negras são as que possuem um registro de casamento mais baixo e em relação a estarem solteiras, obtêm o maior número em uma pesquisa feita pelo IBGE (Ribeiro, 2018)

Demonstra-se que a preferência dos homens negros se orienta por conflitos de raça, gênero, classe- quanto a status social - sexualidade e erotização, em que mulheres brancas são representantes de ascensão social pela proximidade da branquitude. As entrevistadas relatam também que estes homens teriam preferência por mulheres brancas sem capital cultural ou negras sem capital político, reafirmando estruturas patriarcais (Vieira, 2021, p. 12).

Como é possível perceber, na citação acima, há uma solidão que persegue as mulheres negras em consequência do racismo estrutural<sup>3</sup>, pois, como o trecho

---

<sup>3</sup> Racismo estrutural é quando o preconceito e a discriminação racial estão consolidados na sociedade, privilegiando determinada raça ou etnia em detrimento de outra. Disponível em: <https://confluentes.org.br/2023/01/31/racismo-estrutural-o-que-e-causas-e-consequencias/>. Acesso em: 22 fev. 2024

menciona, a posição de poder desempenha um papel importante nas relações interpessoais. A ideia de que a pele branca representa superioridade infelizmente ainda assombra os dias atuais e isso faz com que a rejeição recaia sobre a pele negra, principalmente a feminina. Segundo Vieira (2021), essa escolha se deve ao fato de que perante a uma parcela da sociedade, a mulher branca se aproxima da ascensão social. Além dessa questão da pele considerada ideal, também tem relação aos traços físicos “perfeitos”, há muitos anos, as características físicas europeias ainda são as idealizadas. Dentro desse ideal existe o que não é muito aceito, e a aparência negada é a dos negros.

Traços negros ainda são rejeitados por alguns cidadãos, partindo desse princípio, enfatizamos o segundo estereótipo trabalhado. Primeiramente, a característica que mais trouxe rejeição está relacionada à textura do cabelo. A ridicularização sobre esse traço esteve presente na sociedade desde muito tempo, a começar pelos mais sutis, como propagandas de beleza, nas quais eram incentivadas que a mulher alisasse seus cabelos, pois tais fios rebeldes devem ser controlados. O nariz mais largo e os lábios mais grossos também são problematizados porque estão longe do considerado o ideal estético.

Nota-se então que desde a época escravista o cabelo possuía uma importância estética, a qual era vislumbrada sob a ótica do europeu. “Cabelo mais suave. Nariz mais afilado. Traços mais próximos dos europeus. Mais doces ou ‘domesticados’ [...]” (Costa, 2018, p. 18 *apud* Freyre, 2006, p.386).

Assim como Costa (2018) traz em seu artigo mencionando Freyre (2006), esses traços considerados “doces” estão sempre relacionados a pessoas brancas e essas afirmações apenas reforçam uma ideia racista e escravista. Um ponto interessante é que essas exigências estéticas recaem mais para o lado feminino do que o masculino, em razão de que a cobrança para o homem negro é totalmente diferente da mulher negra. Com isso, damos início ao terceiro estereótipo que está ligado ao gênero. Sabemos que a mulher preta recebe alguns quesitos relacionados ao seu corpo e modo de se portar perante determinadas pessoas, já o negro recebe uma expectativa totalmente diferente. O homem negro sempre foi relacionado a força braçal e resistência física, isso não quer dizer que esses rapazes não passem por exigências relacionados a sua beleza, porém a questão da força sobressai ao da estética.

Homens negros e seus corpos também são violentados e oprimidos por meio de um sistema racista estrutural e estruturante que os apresenta, desde muito, como vilões, bandidos, anti-intelectuais, animalizados, sujos, escravizados, ou seja, como inumanos, objetos, coisas sem valor (Sales e Nunes, 2021, p.04).

O estereótipo que marca na vida do homem de pele retinta é a questão da sexualização do corpo, enfatizando a ideia de que o homem negro possui apenas algumas funções dentro da sociedade, aspecto que reforça e racismo tão presente na vida dos negros. A partir das características apresentadas, voltamos para a pergunta do presente tópico, os estereótipos podem causar algum tipo de violência? Se analisarmos de maneira cuidadosa, há momentos em que essa agressividade irá surgir. Claro que não podemos afirmar que todos os que escutam ou praticam essas atrocidades irão concordar que ocorre violência, no entanto, é necessário compreender o que é essa violência para que a questão anterior seja respondida.

Primeiramente é preciso entender o conceito de violência. O significado jurídico da palavra Violência, apresentada pelo dicionário online Houaiss, irá dizer que é uma ação que causa constrangimento sobre alguém, seja ele moral ou físico, obrigando esse indivíduo a fazer o que lhe é imposto, podendo ser uma violência psicológica ou física. Um dos filósofos que explica um pouco sobre o conceito de violência é Michel Foucault (1978), que irá apresentar a teoria da Microfísica do poder, que explica sobre a dinâmica de poder na sociedade e a sua relação com a violência. A partir desse ponto, Foucault (1978) irá tratar da violência com algo relacionado às relações de poder, ou seja, uma certa dominação poderá estar ligada a uma prática agressiva. Esse poder não é apenas o governo ou grandes instituições que vão exercer, as pequenas relações humanas também podem estar presentes.

Assim, em nossa análise, a violência em Foucault aparece como elemento de demarcação da especificidade das relações de poder e do campo do governo. As relações de poder, como veremos, não eliminam nem suprime a violência, no entanto, as relações de poder ou governo não podem ser reduzidas à pura violência, pois é justamente o fato de que nas relações de poder não há o predomínio da violência que se configura a distinção entre dominação e relações do poder e que se define o campo do governo. Assim, a violência aparece como contraponto das relações de poder (Costa, 2018, p.02).

É possível perceber que a violência e o poder podem não estar diretamente ligados, no entanto, como é mencionado, trazem a ideia de se complementarem. Outro ponto que a citação traz é que embora a relação de poder não elimine a violência, essas

relações não são definidas apenas por ela. Michel Foucault (2004) explana que o poder está atrelado a um conceito chamado relação de poder,

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (Foucault, 2004, p. 193).

De acordo com o mencionado na citação anterior, a relação de poder não traz apenas o conceito de quem é o dominador e o dominado, Foucault apresenta uma ideia ampla sobre o poder, que está ligada ao social. Em outras palavras, além do opressor, exercer o poder que ele possui, o oprimido também irá, mesmo que inconsciente, utilizar o poder de ceder esse domínio sobre ele. É necessário enfatizar que essa relação, em determinados ambientes, já está estabelecida, no entanto, não significa que haja uma posição estabelecida de quem permanecerá como dominante, ou seja, Foucault (2004) defende que o poder não é algo que se possa ter, e sim algo que é praticado. O autor trabalha com a ideia de que haverá um momento em que aquele indivíduo dominado exercerá o poder sob outra pessoa e vice-versa.

Apresentando um conceito oposto relacionado a violência e o poder simbólico, Pierre Bourdieu (1989) defende que essas ações ocorrem de maneira imperceptível, “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 1989) ou seja, ambos os indivíduos não conseguem notar a relação de dominante e dominado, a qual pode ocorrer de forma inconsciente.

O poder Simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências (Bourdieu, 1989, p. 09).

Bourdieu nos permite compreender que, além desse poder se apresentar de maneira imperceptível, o modo que essa ação aparece constrói uma relação de conformismo, ou seja, toda a ordem já estabelecida por esse poder faz com que os indivíduos aceitem as condições que estão presentes em seu cotidiano para que se

encaixe em uma estrutura dominante, por exemplo, houve um período em que os cabelos alisados eram os mais almejados pelas consumidoras. Era algo muito popular e isso incluía mulheres negras.

Com o foco estético mais voltado aos cabelos, encontravam-se nas ruas de São Paulo diversos salões cuja principal propaganda de tratamento era o alisamento. Alguns carregavam em seu nome o objetivo e o público destinado, como o “Salão para alisar cabelos Crespos” (Costa, 2018, p. 18 *apud* Xavier, 2013, p. 463).

Esse processo de violência se deu de maneira estratégica, a partir de propagandas bem elaboradas que traziam a ideia do prático e elegante. As mulheres eram, muitas vezes, de maneira inconscientes manipuladas por essa ideia. fator que revela como esse poder simbólico funciona de maneira quase sutil dentro da sociedade, justamente por ser, segundo Bourdieu, um sistema bem estruturado.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’ (Bourdieu, 1989, p. 11).

A partir dessa citação, retomamos o exemplo anterior relacionado aos cabelos alisados, a classe dominada é composta pelas mulheres negras. Essa ação se mostra como uma forma de violência contra esses corpos, com as suas origens negadas pela classe de pessoas brancas. Esses traços suavizados ou até apagados é um pequeno exemplo de domesticação dos dominados, como menciona Bourdieu na citação anterior, reforçando a ideia de relação de força.

Neste sentido, a falta de aceitação do cabelo crespo por parte da mulher negra implicaria automaticamente na rejeição da cultura afro original. Porém, a SD (o discurso) que aborda o “reconhecimento” não destaca o seu agente, mas tão somente a ação, criando uma fórmula geral que esvazia a atuação dos próprios sujeitos que possuem este tipo de cabelo para a mudança acontecida via processos de resistência e atribuindo a movimentos negros inespecíficos a maior pluralidade da sociedade que teria passado a reconhecer o cabelo crespo como identidade de uma raça (Paula, 2022, p. 37).

Segundo a autora, essa crítica e rejeição desses corpos traz uma implicação diretamente na cultura dessas pessoas, a citação menciona em princípio as mulheres,

no entanto, essas questões abordadas também afetam os homens negros que de alguma maneira passam por esse tipo de dominação.

### **Análise do conto**

O conto a ser analisado é “A Pretinha e o Pretinho” de Taís Espírito Santo; na busca de se comprovar que o estereótipo de gênero e raça, e a violência estão de alguma maneira ligados, o texto será analisado de maneira individual, pois ambos apresentam diferentes perspectivas sobre o estereótipo e como a violência é apresentada.

O conto selecionado para compor o *corpus* deste artigo intitula-se “A pretinha e o pretinho” de Tais Espírito Santo, que aborda a violência e o estereótipo de maneira quase invisível. A narrativa conta a história de dois jovens, ambos sem nomes. Tudo o que sabemos é que durante a infância recebem conselhos do seu pai e é isso que torna os personagens tão diferentes um do outro. A menina é sempre elogiada pela figura paterna, que a encoraja a se casar com um rapaz negro para manter seus traços vivos em suas crianças. No entanto, quando é a vez do filho receber o conselho, o pai defende a ideia de que as melhores mulheres para se casar são as brancas e loiras, pois assim seus filhos e filhas teriam traços mais aceitáveis e bonitos. Ao final do conto, a menina está solitária e triste, porque os homens sempre a dispensam, já o rapaz fica com uma grande confusão em sua mente devido às palavras do pai ainda estarem presentes em sua cabeça.

Diferente da protagonista anterior, a jovem apresentada, tem um grande apreço por seus traços negros e gostaria que eles fossem passados para seus filhos. Dentro da sua casa, o incentivo que a menina recebia relacionado às suas características era muito forte, no entanto, fora das paredes de sua residência, as coisas eram muito diferentes. A partir desse momento, é possível notar o início da violência que acompanha os estereótipos dentro da história, em frases como: “Ai, você está louca? Casar com um homem preto, e o cabelo do seu filho? Ela vai sempre ter esse cabelo ruim?; ai, clareia essa família, só preto também não é legal” (Santo, 2013, p.1). De início, essas frases trazem um tom de preocupação, entretanto, não passa de um forte racismo vindo dessas pessoas. As falas que mencionam o cabelo “ruim” trazem um estereótipo de que o cabelo crespo é inapropriado e que devem sumir, assim como no conto

anterior, esses opressores utilizam frases preconceituosas para expressar uma opinião racista.

Em contraste com a jovem, é apresentado o irmão da protagonista. Diferente da sua irmã, o tratamento e objetivos impostos a ele é totalmente oposto. É reforçado pelo pai que o jovem deve estudar para conseguir um trabalho de sucesso e que é necessário que ele se case com uma loira.

E se Deus quiser, vai ser um jogador de futebol ou um homem bem-sucedido. Quando isso acontecer, não se esqueça, meu filho, case-se com uma loira ou uma mulher branca. Mulher preta faz muita confusão, é encrenqueira, só dá trabalho, e como falam por aí: “mulher preta mente e faz macumba”, Deus me livre, meu filho, E cá pra nós, a loira é muito melhor do que a preta (Santo, 2013, p. 02).

Notamos que a figura paterna tem objetivos diferentes para os filhos. Enquanto a moça precisa se casar com um homem para ser mãe, o rapaz deve estudar para ter uma vida financeira boa. A maneira que o pai se posiciona perante o que ele almeja para ambos os filhos, é totalmente distinta. É nesse ponto em que as questões de gênero entram em ação. A tese de doutorado da Maria Lucia Rocha Coutinho irá traçar essa caminhada do papel da mulher perante a sociedade e dentro do meio familiar. No trecho a seguir, ela explica como era definida a posição da figura feminina.

A mulher assumia o lugar da boa mãe, dedicada em tempo integral, responsável pelo espaço privado, ou seja, o cuidado da casa, dos filhos e do marido. Ao homem, cabia o espaço público da produção, das grandes decisões e do poder (Coutinho, 1994).

A citação acima, traz uma ideia muito antiga de que homens e mulheres desempenham papéis diferentes na sociedade. Claramente, definições como essa já não são tão propagadas como antigamente, no entanto, assim como a figura paterna da protagonista, ainda existem pessoas que acreditam fielmente nessa ideia de separação de gênero. Ainda na questão familiar, a construção da família de cada um traz pontos distintos. A jovem precisa se casar com um homem negro para que seus traços continuem vivos, no entanto, o menino tem que se casar com uma pessoa branca, de preferência uma loira. Isso acontece devido ao preconceito ligado também ao gênero, é esperado baixas expectativas das mulheres, principalmente negras. Já os homens, é descrito sempre que terão uma vida de glória. No livro *Olhares negros: raça e representação*, Bell Hooks (2019) traz em um dos tópicos sobre como a masculinidade negra foi construída a partir do patriarcado impostos pela sociedade.

A integração racial teve um impacto profundo nos papéis de gênero. Ajudou a promover um clima em que a maioria das mulheres e dos homens negros aceitam as ideias machistas sobre os papéis de gênero (Hooks, 2019, p. 154).

Segundo a passagem anterior, essa masculinidade negra foi influenciada pelo processo de integração racial, levando homens e mulheres a adotarem ideias machistas em relação aos papéis de gênero. Podendo ser interpretado como uma tentativa de igualdade racial, ou seja, certos estereótipos foram reforçados como forma de se conformar com as normas sociais que predominavam. E esse reflexo do patriarcado sobre a vida do pai da protagonista é muito nítido em suas falas, como a frase: “E se Deus quiser, vai ser um jogador de futebol ou um homem bem-sucedido” (Santo, 2011). A questão da esperança do filho se casar com uma pessoa de pele clara também está atrelado ao fato de que é o gênero masculino é quem carrega o nome da família, é aquele que vai passar o sobrenome adiante, pois, os filhos da jovem irão carregar o sobrenome de outro, então é necessário que de alguma forma tragam honra aquelas pessoas, por essa razão, o pai não se importa com seus futuros netos por parte de sua filha serão negras, já que será outro nome que eles irão carregar.

Outro estereótipo que a figura paterna reforça é o estereótipo da superioridade da mulher branca sobre a mulher negra. Durante a conversa com seu filho, ele afirma que a mulher preta é inferior às outras mulheres, pois, segundo o personagem, essas mulheres são mentirosas e praticam magia negra, “Mulher preta faz muita confusão, é encrenqueira, só dá trabalho, e como falam por aí” (Santos, 2013). Além de dar força a essa opressão contra a mulher de pele retinta, alimenta também a questão da solidão da mulher preta, que é justamente a negra sempre é a última opção para constituir uma família, muitas das vezes nem chega a ser uma escolha. O fato de o pai estar sempre lembrando o filho de que ele precisa se casar com uma branca, faz com que o rapaz rejeite a negra e que acredite que ela tem menos valor.

Segundo Silva (2000), as mulheres negras possuem menor prestígio na esfera social e lhe é atribuído um papel subserviente, que as colocam como inferior as mulheres brancas e aos homens brancos e negros, no primeiro caso porque a mulher branca desde o tempo colonial possui uma dominação sobre as mulheres negras, além de serem vistas diferentemente e alcançarem posições que a mulher negra tem inúmeras dificuldades para também alcançar. E é oprimida pelos homens negros e brancos que dentro de uma sociedade machista, “numa ideologia patriarcal e eurocêntrica, acredita que tem maiores qualidades físicas, biológicas, intelectuais, de liderança para gerir a sua

vida e a de outrem” (Silva, 2000, p.4), sobretudo sobre as mulheres negras (Assis, 2018, p.4 *apud* Silva, 2000, p.4).

Notamos que, a valorização da mulher preta quase não existe perante uma sociedade que enaltece a beleza branca e inferioriza os traços negros. Discursos como os que o personagem do pai traz, passado de uma geração para a outra, fazem com que o estereótipo da inferioridade da mulher negra continue a ganhar mais força. E esse preconceito acontece não apenas por parte das pessoas brancas, mas também por uma parcela dos negros, e é algo que acompanha a sociedade a muitos anos. É possível notar que, no conto ocorre um pouco da violência simbólica, como já explicada no tópico três, Bourdieu (1989) explica que a vítima e o agressor não percebem que aquela agressão psicológica está sendo praticada, é algo que acontece de maneira inconsciente.

A partir das duas citações a seguir, é possível perceber de maneira mais clara. A princípio, o pai exaltava a beleza negra que a filha tem, “Seus pais sempre mostraram que negro é lindo, sempre ensinaram a Pretinha ter valor da sua origem, da sua gente, da sua cor” (Santo, 2013), sempre mencionando que a preta tem seu valor. No entanto, esse mesmo sujeito entra em contradição quando vai aconselhar o filho sobre suas escolhas para o futuro, “a preta pode ser amiga, pode ser irmã, pode ser tudo, menos mulher” (Santos, 2013). Ambas as falas vieram do mesmo personagem, a forma que a figura paterna explica a sua opinião pode parecer nesse primeiro momento uma hipocrisia por sua parte. Porém, as falas parecem sair de maneira natural de sua mente, que nos intriga a ponto de notarmos uma inocência sobre tal assunto. Ou seja, ao longo das interações desse personagem com seus filhos, ao decorrer do conto, mostra que o pai passa a ser um desses agentes que pratica essa violência e, sem ao menos notar, ele alimenta todos aqueles estereótipos sobre a mulher negra, que possivelmente a protagonista já ouviu.

### **Considerações Finais**

O conto “A pretinha e o pretinho” traz diferentes perspectivas sobre o estereótipo que marca a pele preta, principalmente a feminina. A partir dos objetivos, o percurso teórico mostra como a construção dos estereótipos, tanto de raça quanto de gênero, também produz uma violência simbólica. O conto trabalhado explica diferentes

maneiras de como essas características preconceituosas aparecem e em que momento passou a ser uma violência contra esse corpo feminino negro.

Tais Espírito Santo apresenta uma narrativa sob uma perspectiva familiar em que há em seu convívio social, um preconceito de gênero empregado pela figura paterna. As frases proferidas pelo pai da protagonista, nos mostra traços de um discurso do patriarcado, que defende a ideia de separar papéis a partir do gênero e da raça. Em ambos os contos os estereótipos se evidenciam inicialmente em suas casas, no entanto, o conto “a pretinha e o pretinho” se torna diferente devido a frases que dão forças a esses traços preconceituosos. Santos buscou demonstrar na construção do texto como tais características trazem um peso da realidade. Em dois trechos do conto, nos mostra como ocorrem tais ferocidades em frases opostas ditas pelo mesmo personagem. “Seus pais sempre mostraram que negro é lindo, sempre ensinaram a Pretinha ter valor da sua origem, da sua gente, da sua cor” (Santo, 2013) “E cá pra nós, a loira é muito melhor do que a preta” (Santo, 2013). A partir de tais frases, conseguimos notar que ocorre uma contradição em relação à mulher preta. Sem notar, o pai oprime e exalta a própria filha e reforça o aspecto simbólico que Bourdieu menciona em sua teoria. Já na segunda citação, percebemos a ideia de que a mulher branca é melhor, reforça a dominação trabalhada por Michel Foucault. A figura paterna busca modificar e domesticar o filho em relação às mulheres negras.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Camila Vieira da Silva de. *Mulheres Negras, Opressões, Feminismo Negro e Entretenimento*. UECE, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.
- CAMPOS, Luis Antônio Monteiro. *Estereótipos e socialização*. Conhecendo Online, v. 2, n. 1, 2015.
- COSTA, Ana Luísa. *Padrões de beleza e racismo na construção da identidade de mulheres negras*. São Luís, 2018.
- COSTA, Helrison Silva. Poder E Violência No Pensamento De Michel Foucault. *Sapere Aude*, v. 9, n. 17, p. 153-170, 13 jul. 2018.
- COUTINHO, Maria Lucia Rocha. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ESSER, Debora Cristina. *Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória*. Línguas & Letras, [S. l.], v. 15, n. 30, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. Tradução de Raquel Ramallete. 40ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, [1975] 2012.

- HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. Editora Elefante; 1ª edição (23 maio 2019)
- LIPPMANN, Walter. *Public Opinion*. Nova Iorque: Free Press. (1922/1961).
- PAULA, Camila Ramos de. *Empoderamento, Autoestima E Autoafirmação: O Discurso Sobre O Cabelo Ruim E O Bom No Contexto Da Transição Capilar*. Cascavel, 2022
- PITAS, Janaina Rodrigues. A literatura afro-brasileira de autoria feminina como fonte histórica. *Revista TEL*, Irati, v. 13, n.2, p. 13-34, jul./dez. 2022
- SALES, Suelly Cassimiro; NUNES, Patrícia de Souza. Mulheres Negras nas Imagens de Controle: Da Construção de Imaginários Racistas à Imposição de Lugares Subalternos na Mídia. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, v. 19, n. 4. 4 out 2021
- SANTO, Taís Espírito. “A Pretinha e o Pretinho”. In: AMARO, Vagner. (Org.). *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*. São Paulo: Malê, 2017, p. 145-146.
- SILVA, Débora Jean Lopes. *MULHERES NA LITERATURA: Escritas de autoria feminina negra*. Cuiabá-MT jul.2021
- SOUSA, Karla Cristina Silva; BARROS, João de Deus Vieira. *Estereótipos étnicos e representações sociais: uma breve incursão teórica*. In: *Revista Educação e Emancipação*, São Luís/ MA, v.5, n.2, jul/dez. 2012
- TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. *Raído - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, [S. l.]*, v. 10, n. 21, p. 153–164, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217>. Acesso em: 17 ago. 2023.
- TV PUC- Rio. *A “escrivência” na literatura feminina de Conceição Evaristo*. YouTube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8&t=601s>. Acesso em: 09 jan 2024
- VIEIRA, Camilla Gabrielle Gomes. Experiências De Solidão Da Mulher Negra Como Repercussão Do Racismo Estrutural Brasileiro. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 5, n. 10, p. 291-311, 12 mar. 2021.
- Violência. In: *HOUAISS*, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em: 03/12/2024.